

[(1886), *Jornal do Commercio*, ano XXXIII, nº 9827, 3 de Setembro (Lisboa)]

## II - BIOGRAFIAS CIENTÍFICAS. CHEVREUL

No momento em que escrevemos, deve-se estar realizando na capital do mundo um dos factos mais importantes e mais raros – o centenário, em vida de um homem eminente. Ter nascido há um século, ter preenchido 35.000 dias de estudo e trabalhos originais dos mais fecundos, ter visto deslizar 100 anos de progresso nas ciências, ter assistido a todo esse maravilhoso espectáculo do desenvolvimento da indústria moderna, não é uma coisa vulgar!

Todos os jornais científicos e políticos recebidos nestes últimos dias de Paris anunciam-nos que o eminente químico, o professor Chevreul membro do Instituto, faria cem anos no dia 31 de Agosto de 1886 e que, nesta ocasião, o ministro da Instrução Pública presidiria, às duas horas da tarde, à cerimónia da inauguração da estátua do ilustre sábio na grande sala das novas galerias do *Muséum* em presença dos professores e do pessoal do estabelecimento, e dos delegados de todas as corporações científicas da França e do estrangeiro, sendo depois oferecido por subscrição, um banquete no Hôtel de Ville, ao venerando mestre.

Miguel Eugénio Chevreul, aquele cujo centenário se está celebrando na hora em que escrevemos, nasceu em 31 de Agosto de 1786 – há um século – às 8 horas da noite, em Angers, e no prédio nº 11 da rua des Deux Hales.

O jornal *La Nature* dá-nos duas magníficas gravuras, representando o venerando velho Chevreul. Uma delas representa-o, com aquela fisionomia alegre, serena e espirituosa, no seu gabinete de trabalho, por detrás dos copos graduados, dos tubos de ensaio e dos funis, que ele maneja ainda hoje com a mesma firmeza de mão dos vinte anos!

Os pais de Chevreul foram ambos pessoas de grande distinção e muito estimados na cidade de Angers.

O pai, H. H. (*honorable homme*) Miguel Chevreul, era médico e cirurgião, professor, escritor fecundo, homem de uma elevada inteligência e de uma saúde pasmosa; morreu de 91 anos.

A mãe, Eliennette Madeleine Barheher, era uma senhora inteligente e virtuosa que sobreviveu muito tempo a seu marido, cuja existência se apagou lentamente aos 93 anos, e a quem Chevreul deve a saúde e o vigor extraordinário que o fazem alcançar o dia 31 de Agosto de 1886, e o exemplo da sobriedade e do amor do estudo que o caracterizaram sempre.

A infância de Chevreul passou-se em Angers, e na aldeia de Murs, perto das margens de Loire, onde a sua família tinha uma casa de campo. Na praça do Ralliement em Angers ele viu aos sete anos, escondido por detrás de uma vidraça, guilhotinar duas raparigas acusadas de terem acolhido dois padres refractários, e em Murs foi testemunha da sangrenta batalha de *la roche de Murs*, dada entre os vendeanos e os republicanos. Estas cenas terríveis não puderam apagar as doces recordações da sua terra natal, que ele descreve muita vez entusiasticamente.

“Foi em Murs, dizia ele há pouco, que eu passei os mais formosos dias da minha mocidade, e é lá que eu quisera repousar para sempre no verde cemitério.”

Elas não conseguiram tão pouco fazer dele um homem político; ele nunca quis sê-lo e teve assim umas das condições mais essenciais para ser um grande homem na ciência.

Aos onze anos Chevreul começou os seus estudos na Escola Central que substituiu a antiga Universidade de Angers que a revolução fez desaparecer, terminando-os aos dezassete anos. O seu primeiro mestre de química foi Héron, professor de um talento real de exposição. Héron morreu em Angers em 1831, inspector da Academia, e teve a felicidade de partilhar da glória já brilhante do seu discípulo.

Um concurso especial de circunstâncias devia fazer de Chevreul um grande sábio. Quando ele terminava os seus estudos no colégio, Paris intelectual tinha um brilho particular. Fourcroy tinha consagrado todos os seus esforços à reforma do ensino superior; na força do talento, ele era professor no *Muséum*, e havia confiado a sua cadeira do colégio de França a Vauquelin, o seu antigo preparador. Foi de Vauquelin, que Dumas disse «que ele era todo químico, químico cada dia da sua vida, e em cada hora de cada dia», e o seu chefe de laboratório chamava-se Thenard.

Chevreul não podia pois de deixar ser atraído vivamente para Paris. Em 1797 ele entrou no laboratório de Vauquelin, aonde já trabalhava Thenard, e por onde passaram sucessivamente Orfila, Payer, Bouchardat, Frémy e tantos outros a que Chevreul devia servir de coroamento. Ele tinha apenas vinte anos quando Vauquelin lhe entregou a direcção do seu laboratório, e ao mesmo tempo era já professor no Colégio Carlos Magno; quatro anos depois era preparador no *Muséum*, e aos trinta anos era nomeado director das tinturarias e professor especial de química nos Gobelins.

Aos quarenta anos os resultados das suas novas invenções corriam todo o mundo científico. O químico Proust acabava de morrer e de deixar vago um lugar na secção de química na Academia das Ciências; Chevreul foi designado em 1826, para preencher esse lugar. Ao mesmo tempo que o venerável académico celebra o seu centenário, faz sessenta anos que entrou para o Instituto. Nenhum dos seus confrades daquela época vive já hoje.

Quatro anos depois, em 1830, e sendo professor do *Muséum*, Chevreul foi nomeado director desse grandioso estabelecimento científico, e é enorme o desenvolvimento que ele lhe imprimiu durante mais de quarenta anos.

A administração superior, tendo querido transformar o regime oligárquico do *Muséum*, interrompeu-lhe a direcção deste estabelecimento para a confiar ao príncipe Bonaparte de Canino; mas por pouco tempo, porque o príncipe morreu, e foi apenas em 1883 que Chevreul cedeu o lugar a Frémy.

Ele ocupou as mais elevadas posições na ciência. Examinador de exames finais na Escola Politécnica durante muitos anos, por diante dele passaram todas as celebridades científicas e políticas, que ficaram sendo os seus maiores admiradores.

Chevreul pertence a todas as corporações científicas da França e do estrangeiro; todos se disputaram a honra de o contar no número dos seus membros. Em condecorações ele tem todas a que um sábio pode ambicionar. O grande sábio porém nunca se encheu de orgulho senão pelo trabalho infatigável, e insiste hoje mais do que nunca a apelar-se o *decano dos estudantes de França*.

As descobertas científicas que Chevreul fez em toda esta carreira tão brilhante como longa, são inúmeras.

A primeira que mencionaremos é a da vela de estearina. Em 1814 o hábil prático demonstrou que os óleos e as gorduras, consideradas até então como princípios imediatos puros, são formados pela mistura de muitos princípios particulares, entre os quais a margarina, a oleína e a estearina. Foi esta última substância que, fornecendo o ácido estearino [*sic*], deu origem à fabricação tão importante e tão próspera das velas de estearina. Os trabalhos de Chevreul sobre os corpos gordos e a sua teoria de saponificação (1823), não criaram somente indústrias novas, abriram largos horizontes às teorias da química orgânica e determinaram outras descobertas não menos importantes.

Depois dos seus estudos sobre as gorduras, vem o das cores e das suas aplicações às artes industriais. Foi Chevreul o primeiro que, por meio duma análise clara e segura, soube reduzir a leis científicas rigorosas essa delicada questão da aliança das cores. Uma dessas memórias tem o título de *Teoria dos efeitos ópticos produzidos pelos estofos de seda*, onde se trata largamente da escolha das cores que mais convém para fazer realçar a beleza feminina. Mas não se creia que a descoberta de Chevreul se limita apenas a uma questão de bom gosto. Ele provou primeiro do que tudo que as harmonias das cores estão submetidas a regras fixas, as quais descobriu e cuja exactidão e fecundidade demonstrou pelo cálculo; achou as leis do contraste das cores, simultâneo ou sucessivo, a teoria das sombras coloridas, a arte de definir enfim, por meio dum círculo cromático, cada tom por um número, e «de reproduzir fielmente na América e sem os ter visto, os tons dum estofos ou as tintas dum quadro feitos na Europa».

É incalculável o número das memórias que ele tem escrito, entre as quais se conta duas de combate ao charlatanismo da *baguette divinatoire* e das mesas falantes.

Chevreul, o centenário, tem pois passado a sua vida entre o Museu de História Natural, os Gobelins e o Instituto de França, e ainda hoje não deixa nunca de assistir todas as segundas-feiras à sessão da Academia das Ciências.

Durante a guerra franco-prussiana e com 86 anos, Chevreul não quis abandonar um só momento o seu laboratório. Ele quis suportar as privações e as fadigas do cerco, e quando mais de oitenta bombas prussianas devastavam as galerias e despedaçavam as estufas do *Jardim das Plantas*, o nobre velho sentia tudo isto de dentro do seu laboratório, aonde prosseguia nos seus trabalhos.

Ele fazia assim por conter a grande indignação que fez com que consignasse na acta da Academia de 9 de Janeiro de 1871, a seguinte declaração tão simples como eloquente.

## ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

*Sessão de 9 de Janeiro de 1871*

### BOMBARDEAMENTO DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

#### Declaração

«O Jardim das Plantas Medicinai, fundado em Paris por édito do rei Luiz XIII em Janeiro de 1820.

«Convertido em Museu de História Natural por decreto da convenção de 10 de Junho de 1793.

«Foi bombardeado.

«No reinado de Guilherme I, rei da Prússia, sendo chanceler o conde de Bismarck.

«Pelo exército prussiano na noite de 8 para 9 de Janeiro de 1871.

«Até então ele tinha sido respeitado por todos os partidos e por todos os poderes nacionais e estrangeiros.

E. Chevreul, director

«Paris, 9 de Janeiro de 1871»

Chevreul foi casado, tendo na esposa, mademoiselle Braccini, uma companheira dedicada, que, durante toda a sua vida, soube sempre prever tudo o que ele desejava e consagrar-lhe o culto que os homens superiores sabem impor a tudo quanto os rodeia.

Viúvo já de há muitos anos, Chevreul teve um filho único que é um bibliófilo distinto e a quem o pai deve em grande parte a descoberta dos preciosos livros que compõem a biblioteca que ele possui no *Muséum*.

O filho reside habitualmente em Dijon, e Chevreul vive, portanto, só tendo por companheiros ou esses velhos livros de cujos autores ele não cessa de admirar o génio, ou no Laboratório das Gobelins, os delicados aparelhos de análise que não trocariam pela de nenhum rapaz essa mão leve ainda com o peso de cem anos.

Chevreul é duma grande sobriedade, bebendo apenas água ou cerveja, e é sem dúvida também a este regime apropriado, junto à sua constituição robusta e a uma vida regular e laboriosa, que ele deve a sua longevidade, e, aos cem anos, a firmeza da mão, a perna delgada e o corpo direito. Alto, elegante de maneiras, e de uma incomparável afabilidade, é raro que ele nos receba sem o sorriso espirituoso e franco que põe naquela cabeça, naquela fronte vasta assombreada de cabelos brancos, uma expressão magnífica.

Homem de génio, Chevreul é também um homem de espírito. Poder-se-ia dizer-lhe o que Voltaire dizia a madame Lullin, também centenária,

«Par votre esprit vous plaisez à cent nus.»

Há muito poucos anos Chevreul ia ainda no inverno ao baile do Eliseu, e , passada a meia noite, viam-no ainda fresco e risonho, rodeado de damas que entretinha com a maior galantaria. Quando ele tomou recentemente um novo preparador, disse-lhe: – «É preciso que tenhais bastante coragem para aceitardes o ser meu preparador: eu já matei quatro!».

Além de tudo isto, Chevreul possui uma grande fortuna que a sua vida de sábio desta qualidade aumenta cada ano. A sua existência escoá-se, pois, nesta completa placidez que nos enche de respeito e de ... inveja!

«É um grande espectáculo grandioso e belo, termina Gaston Tissandier donde extraímos esta notícia, o deste homem centenário, semelhante ao carvalho secular a cuja sombra se vem abrigar umas poucas de gerações. Surdo para o ruído do mundo, ele compraz-se no isolamento do laboratório, onde a sua inteligência, sempre viva, está de continuo atraída para as alturas onde pairam as verdades eternas».